

TIRO E SPORT

ANNO XIII

Revista de Educação Physica e Actualidades
Continuação d'O Tiro Civil e da Revista de Sport

N.º 349

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Director proprietario: Senna Cardoso — Secretario da redacção: Costa Ferreira

EDITOR RESPONSÁVEL — *Candido Chaves*
Typ. do Anuario Commercial — C. da Gloria, 5

28 de Fevereiro de 1907

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Nova do Almada, 50 — LISBOA — Telephone, 1231

Torneio de Foot-ball



Campo de Alcantara
Sport de Lisboa contra Club Internacional de Foot-ball
(Cliché «Tiro e Sports»)



Campo de Alcantara
Sport de Lisboa contra Club Internaciona de Foot-ball
(Cliché «Tiro e Sports»)



Campo da Cruz Quebrada
Lisbon Cricket Club contra Sport de Lisboa
(Cliché «Tiro e Sports»)



Campo de Carcavelles
Club Internacional de Foot-ball contra Sport de Lisboa
(Cliché «Tiro e Sports»)

O principe de Hohenzollern

Filho do principe Leopoldo da Roumania e da infanta D. Maria Antonia de Portugal, o principe de Hohenzollern que actualmente honra com a sua estada a nossa formosa capital, é um dos representantes de duas casas cujas tradições nobillissimas são inconfundiveis: a casa d'Hohenzollern por parte do seu serenissimo pae e a de Bragança por parte de sua mãe.

Nascido em 1864, tendo por conseguinte quarenta e tres annos, o principe dotado de uma vigorosa e robusta constituição, tem na phisionomia os traços distinctissimos da sua illustre familia. Dos Hohenzollern possui a energia, a imponencia, a magestade marcial, por assim dizer, e dos Braganças essa graciosidade encantadora e suave que tão peculiar lhes é.

Sendo um militar por excellencia, visitou, entre nós, a Escola Pratica d'Infanteria em Mafra, o vetusto e historico castello de S. Jorge, e Escola do Exercito, mostrando sempre n'essas visitas achar-se satisfeito e tendo palavras de elogio para o nosso exercito, o que muito nos honrou.

Amante das artes, tambem visitando o mosteiro da Batalha igualmente exprimiu a sua satisfação por aquella maravilha artistica e que tão grande epopeia representa e no castello da Pena, encantado com o magestoso panorama que d'ahi se avista, tirou algumas photographias, pedindo a S. M. El-Rei, seu augusto primo, informações acerca de diversos locais, mostrando assim um interesse profundo pelas nossas coisas.

A visita d'este illustre principe que renunciou a corôa da Roumania e que, quasi sem fausto, percorre como um particular as capitales da Europa, foi para Portugal devêras honrosa e veio mais uma vez mostrar a bella cordealidade que existe entre nós e os soberanos e principes dos outros paizes.

Saindo de Portugal, o principe Guilherme de Hohenzollern deverá levar uma bella impressão do nosso magnifico clima que, em pleno inverno, se mostrou por vezes primaveril, comum a atmosphaera limpida e purissima e do nosso amplo porto de mar que, no seu dizer, é incomparavel.



O Carnaval no Porto

Accedendo ao pedido do director d'esta folha, que desejava dar aos nossos leitores umas photographias de varios aspectos da cidade do Porto, por occasião dos festejos carnavalescos, partimos para aquella cidade no sabbado e alli passamos o domingo gordo.

Mas... verdadeira partida de Carnaval.

Fomos a Roma e não vimos o Papa.

O cortejo, que devia effectuar-se n'aquelle dia não teve lugar em consequencia da persistente chuva, que durante todo o dia cahiu.

Mascaras .. tambem nada vimos!!!...

Em compensação, porém, vimos muita gente, percor-

Como 3.^a feira nos era necessario estar em Lisboa, regressamos no proprio domingo a esta cidade. Devido, porém, ao favor de um amigo, podemos comtudo dar aos nossos estimaveis leitores algumas photographias.

O carnaval d'este anno em geral desagradou.

Muita gente pelas ruas, na esperanza de vêr muita cousa, muita chuva e muita lama, e pouquissimas mascaras e ainda menos animação, a não ser em alguns clubs ou sociedades, onde na realidade se realisam magnificas festas.

No numero d'estas entram as promovidas pelo Real Gymnasio Club e pelo Atheneu Commercial, cujos convites muito agradecemos.

O carnaval desde que o começaram a civilisar tem perdido muito em animação.

A maior parte do povo, que antigamente tomava parte nos folguedos carnavalescos, hoje não o faz, ou com receio que a policia o castigue, por usar artigos não permittidos, ou por não poder dispôr dos meios pecuniarios, para obter aquelles que a policia lhes permite e que na realidade são relativamente caros.

E assim o carnaval d'anno para anno, á maneira que vae ganhando em civilisação, vae perdendo em animação.

Em annos transactos, quando no Chiado se brincava o carnaval com pó e tremoço, esta rua enchia-se de povo de forma a tornar quasi impossivel o transitio.

A animação era bem superior á de hoje e o povo em geral não fugia nem do tremoço nem do pó.

Tudo folgava ria e gritava. Havia o bulicio proprio da época.

Hoje realisam-se os cortejos, no qual de ordinario tomam parte carros, que pela sua magnificencia e riqueza nos impõem respeito em vez de nos provocar a hilaridade.

O povo aguarda a passagem d'esses cortejos, como se fosse uma solemnisação de um centenario Henriquino ou outro semelhante.

Admiramos e avaliamos a riqueza e a magnificencia dos



Carro dos Fenianos

rendo as ruas, especialmente a dos Clerigos, S. Antonio e Praça de D. Pedro e entre ellas uma grande quantidade de forasteiros que, como nós, certamente contavam vêr o annunciado cortejo, transferido para 3.^a feira, algumas horas antes da hora marcada para a sahida.

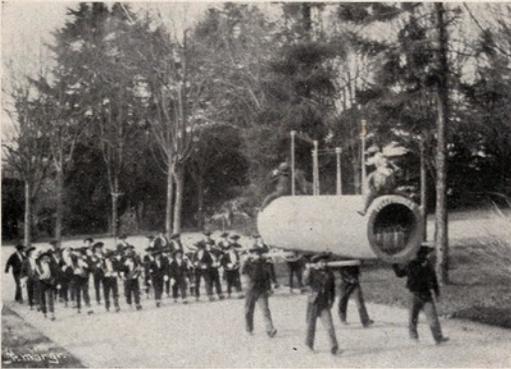
O Carnaval no Porto



Theatro de S. Bento



Um carro anunciador



Charge aos telephones



Carro do Pavão



Carro da Imprensa e Carro do Cysne



Carro dos Girondinos



Carnaval em Coimbra — Carro do Marisco

elementos, que compõem estes cortejos, mas também estamos convictos, que no carnaval seriam mais bem recebidos e que mais concorriam para a animação, assumptos, que, sem poderem merecer a classificação de *pobres*, despertassem o riso e incitassem, por assim dizer, todos, a tomarem parte na diversão.

Somos apologistas da civilização, mas casos ha em que a civilização exagerada pode prejudicar.

E um d'esses casos é sem duvida o carnaval.

Que se civilise um pouco, fazendo desaparecer tudo que se reconheça extremamente perigoso, d'accordo (digo extremamente perigoso, porque o perigo em tudo existe), mas que se leve o grau de civilização a ponto tal que o carnaval pare toda a sua animação, toda a sua *doidice* (é este o termo mais apropriado que encontro) salvo um exagero, exagero que terminará por fazer desaparecer totalmente entre nós o carnaval.

Os *chêchés*, os *salsas* tudo isso vae desaparecendo.

Por certo envergonhou-se de apparecer com os seus fatos despidos de luxo deante d'aquelles que lhe estão occupando o logar com mais opulencia mas em consideravel minoria.

E' certo que o *chêché* e o *salsa* é pobre, mas chama a attenção, faz bulha, corre, grita, gesticula e tudo isto provoca animação, a animação propria do carnaval, a animação que jamais deveria desaparecer.

E a civilização do nosso carnaval, comquanto se tenha procurado fazer nas melhores condições possiveis, é certo que tem feito diminuir consideravelmente o numero de mascarar alegres, reduzido os brinquedos animados e aniquilando, por assim dizer, quasi todos os folguedos proprios da época.

C. R.

Ligeiras Impressões

O carnaval no Porto, valha a verdade, foi luzido, brilhante e muito animado. Não o atemorizou os aguaceiros dos dias antecedentes, nem tão pouco o proprio dia agreste, e a prova é que, a obra magna dos Fenianos atravessou altiva as ruas ingremes da cidade «invicta».

Refiro-me ao cortejo allegorico, tão prejudicado na sua imponencia pela aspereza do tempo e pela constancia da chuva que dir-se-ia haver uma combinação entre os altos poderes barometricos e os inimigos da folia.

Eu pela minha parte, não me pronunciei nem a favor nem contra o bom tempo, mas devo dizer que na presenca de festas de espectativa como as do Porto, não duvidaria em voltar a casaca, entrando na concentração, e votando com a maioria a favor do bom tempo. Enfim choveu, mas a festa fez se.

O cortejo que eu vi no Porto na tarde de terça feira de entrudo, é um d'estes espectaculos raros e memoraveis.

Pelo animatographo do Colyseu, eu conhecia o carnaval de Paris, com todo o seu esplendor, onde nas largas avenidas do *bois* se veem desenas de carros allegoricos e triumphaes tripulados por mulheres sorridentes e gentis.

Na realidade eu conheço agora o cortejo dos Fenianos.

Os carros, que esta valiosa agremiação de esforços, fez construir, além de verdadeiros trabalhos d'arte, eram d'uma imponencia notavel.

A sua descripção minuciosa occuparia muito espaço, e está dispensada em vista de já ter sido feita pelas folhas diarias.

No entanto ahi vão algumas linhas relativas aos que aqui inserimos.

O carro da Imprensa, magnifica charge á actual lei e ao mesmo tempo um bom trabalho em cartão endurecido.

Um carro, elegante e de grande effeito, era o conhecido pelo carro do *cysne*.

O theatro de S. Bento bella *charge* á camara dos deputados e muitos outros onde sempre notamos inolvidavel graça e muita arte.

As bandas e charamellas pertencentes a varios grupos compunham o deslumbrante cortejo.

Nas ruas e nas janellas achavam-se aglomeradas damas com as faces amorangadas pelo ar constante e frio e sorrindo docemente embaladas nos encantos da batalha carnavalesca.

Muito povo, muita musica, animação exuberante, um cruzar indefinido de serpentinas e um chuveiro de *confetti* e de... agua.

A' noite proseguiu a festa, no Palacio de Crystal e Theatros, onde o combate redobrou de intensidade.

No theatro de S. João era um delirio. O elegante theatro apresentava um encantador aspecto. Dispensava decoração artificial, e se alguma tinha, era formada pelo conjunto de damas graciosas, ostentando ricas toilettes, desen-



Carnaval em Coimbra — Carro do Theatro

rolando serpentinas e atirando saquinhos de primorosa confecção, com uma delicadeza infinita.

O extenuamento deu entrada triumphal n'aquelle templo de alegria depois da 1 hora da noite e a debandada principiou. Estava o carnaval agonizante, morreu, julgo que ao romper do sol e foi encerrado em caixão de chumbo com as praxes do estylo.

O Triumpho e Gloria vivem ainda e estão na posse dos Fenianos.

Devo declarar com lealdade, antes de encerrar estas ligeiras impressões, que o carnaval do Porto simbolisou o carnaval do futuro: o carnaval civilizado.

E. A.

ALA DOS NOVOS

Em busca...

Ponho os olhos em mim, como se olhasse um estranho,
E choro de me ver tão outro, tão mudado....
Sem desvendar a causa, o intimo cuidado
Que soffro de meu mal — o mal de que provenho.

Já não sou aquelle Eu do tempo que é passado,
Pastor das illusões perdi o meu rebanho,
Não sei do meu amor, saude não na tenho,
E a vida sem saude é um soffrer dobrado.

A minha alma rasgou-m'a o tragico Desgosto
Nas silvas do Abandono, á hora do sol posto.
Quando o Azul começa a diluir-se em astros.....

E á beira d'um caminho, até lá muito longe,
Como um mendigo só, como um sombrio monge,
Anda o meu coração em busca dos seus rastos.

JOSÉ DURO.



Carnaval em Coimbra — Carro Coimbra Club



Carnaval em Coimbra — Carro das Especialidades de Coimbra

Noivado extranho

Quizera amar-te muito, ó Gemea do Luar,
N'um sonho excepcional, só de caricias feito,
Abendiçoar o céo na luz do teu olhar,
E a alma adormecer na curva do teu peito.

Quizera amar-te sempre, ó Doce como arminho
E casta como a pomba em seus arrulhos doces ..
E, em troca d'este amar, viver do teu carinho,
Que eu não vivia, não, Mulher, se tu não fosses!

Passar a vida inteira a vêr-me nos teus olhos,
Apenas ter ventura em vez de ter abrolhos,
Beber o teu sorriso, e as maguas esquecel-as...

E quando a Morte viesse e nos levasse a ambos,
Realisarmos então os desejados tambos,
Na Igreja do Além... em meio das estrellas!

JOSÉ DURO.

PASTELLARIA MARQUES

Manuel Marques & C.^{ta}

ESPECIALIDADE em doces d'ovos, biscoitos secos, bombons-chocolates,
vinhos nacionaes e estrangeiros, licores, cognacs, etc.

Fornecem-se Lunchs, Jantares e Soirées

Telephone n.º 989 70, CHIADO, 72 LISBOA

Fabrica de Ceramica GARCIA & LEITE

MOVIDA A ELECTRICIDADE Malpique (Campo Grande)

LISBOA

Encarrega-se de projectos e construcções

CAMISARIA UCEDA & SILVA

Sempre novidades

102, Rua de S. Nicolau, 104

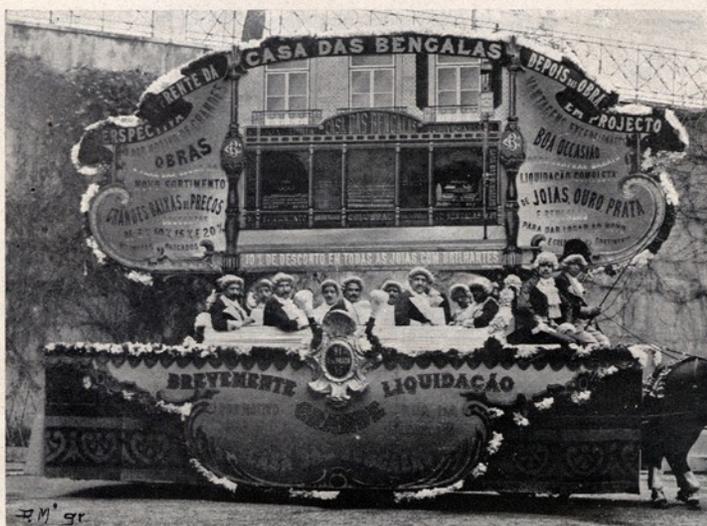
O Carnaval em Lisboa



Cavalgada
Cliché Tiro e Sport



Carro com senhoras
Cliché Tiro e Sport



Carro da Casa das Bengalas — Ornamentação de Santos, pintor
Cliché J. Novaes



Carro com senhoras
Cliché Tiro e Sport



Carro com senhoras
Cliché Tiro e Sport



Carro do Cysne
Cliché Tiro e Sport

O Carnaval em Lisboa



Officialidade do Batalhão d'Alfama
(Cliché Moitinho d'Almeida, amad.)



António Salazar em costume andaluz
(Cliché de A. Cardoso, amad.)



Chegada do almirante do Batalhão d'Alfama
(Cliché Moitinho d'Almeida, amad.)



Artilheria do Batalhão d'Alfama dando as salvas no Terreiro do Paço
(Cliché Moitinho d'Almeida, amad.)



Empreza Insulana de Navegação

PARA

S. Miguel, Terceira, Graciosa, (St.ª Cruz), S. Jorge, (Calheta), Lages do Pico, Fayal e Flores. Sae o vapor **Funchal**, dia 5 de Março às 10 horas da manhã. Trata-se com os agentes, Caes do Sodré, 84, 2.º andar.

Germano Serrão Arnaud.

CASA DOS ESPARTILHOS



SANTOS MATTOS & C.ª

Lisboa

Rua Aúrea, 125



Um dia de uma imperatriz romana

Corrompidos os costumes, festejada a devassidão e prestado culto a immoralidade, o imperio romano esphacelava-se e decahia rapido, promettendo breve o seu espantoso desabamento.

Aos degraus do throno imperial subira Claudio, esse imperador fraco e degenerado a quem faltavam todas as qualidades e todos os dotes, que o imperio, na sua organização corrompida, reclamava. Espirito irresoluto e cruel por natureza, filho de um imbecil criminoso, o novo imperador cuidára, nos primeiros tempos da sua elevação ao poder, fazer alguma cousa d'util em favor dos que governava, mas as suas faculdades não deram para tal. Se a epocha de Nero fôra a mais dissoluta e a mais cheia de catastrofes para o esplendor da velha cidade do monte Palatino, a de Claudio ficava-lhe talvez superior.

Não havia Catilinas, mas os heroes do crime e da tyrannia continuavam nas suas furias e nas suas arremetidas á Patria de que eram filhos.

A honra dos que, em volta de si, viam tantas calamidades e a dissolução crescer abençoada pelos velhos *patricios* e amada até o frenesi pelas *matronas*, chorava tudo isso, e pedia aos deuses não a vingança, mas a salvação do imperio.

Os suicídios dos homens honestos não passavam despercebidos. Por um lado o de Auria e Petus descobertos no seu pacto, por outro ou d'aquelles que nos campos da batalha ou nas luctas do senado tinham tantas vezes exposto a sua vida em mercê da Patria.

E o imperador é que os não via. Dominado por todos, levado como automato para onde quizessem elle fosse, Claudio nem receava o punhal dos que o perseguíam.

As suas reformas, ao passo que se punham em pratica, iam dando cada vez mais largo espaço á dissolução e aos animos onde porventura existia ainda dignidade e honra, maior exaltação.

Os escandalos nas vias de Roma eram constantes e a vontade de os fazer no espirito dos que passavam a vida na ociosidade, sempre crescente.

O exemplo devia partir de bem alto para que a população acudisse a festejar-o e a prestar-lhe o seu culto e a sua homenagem e as riquezas do Cesar deviam dar-lhe todos os esplendores necessarios e o maior deslumbre.

Messalina, a imperatriz, abandonando a deshoras o palacio do Cesar, ia converter em lupanar ou praças publicas, onde as estatuas testemunhavam não só a gloria e a heroicidade das guerras, senão tambem a grandeza immensa dos tempos passados.

O imperador e a dissolução levantavam clamores e ultrages ao que era sagrado e magnifico.

Claudio estava então recreando a sua tyrannia e a sua imbecilidade em Ostia e a capital parecia sentir a sua falta pelos grandes escandalos terem rareado um pouco.

Mas Messalina pensa em fazer sahir a multidão d'aquelle relativo socego em que se encontrava. A imperatriz sente tomar-lhe as carnes um novo amor, porventura mais ardente, mais profundo, mais irrequieto. Não quer obstaculos, a sua paixão nada consente a traval-a.

O consul Silius deve repudiar e abandonar para sempre sua mulher para se entregar de corpo e alma nos braços da imperatriz. Messalina ordena-lh'o sem pejo nem compaixão.

Porque não ha de elle, que tão formoso é, que tão gentil e tão elegante passa nas vias, pertencer-lhe?

O casamento da imperatriz com o *consul* Silius vae pois realisar-se. Em Roma durante alguns dias é no que se falla, é o que se ouve. A propria mulher de Claudio o mandou apregoar.

E a festa chega.

As ruas estão replectas de povo, os lugares são disputados a punhal, a desordem lavra em todos os sentidos, porque é necessario juntar á corrupção, o roubo e o crime de morte.

Nos soberbos monumentos da *via Appia* ha grinaldas de flores e nas entradas das ruas arcos de triumpho feitos com os louros com que nas outras epochas se galardovam a honra e a heroicidade. Os corações batem apressados á espera do novo spectaculo.

A imperatriz, em costume de bacchante passa emfim no seu carro de corrupção enleada nos braços de Silius que empunha o *thyrsos*, seguida de um cortejo composto pelos homens e mulheres que Roma conhece pela sua desenfreada e escandalosa vida. E a população vê e applaude, com aquelles applausos unisonos e fortes que as riquezas deslumbrantes arrancam aos que raras vezes teem occasião de vel-as.

— Sou eu ainda principe? — pergunta Claudio ao saber do casamento da imperatriz — Não o é Silius tambem?

E o punhal vinga tarde a affronta, se é que Cesar viu no acto de sua mulher uma affronta.

J. BIVAR DE SOUSA.

Cardozo & Correia Photographos

Trabalhos em todo o genero <<<<

Rua da Palma, 37

A. D'ABREU JOALHEIRO

SEMPRE NOVIDADE

Rua do Ouro, n.º 57, 59 * LISBOA *

Theatros, Circos, Arenas e Velodromos

D. Maria, **Amor á antiga** — Príncipe Real, **Noite do Calvario**

A envergadura litteraria do sr. dr. Augusto de Castro — muito maior do que a nossa por sermos de *externo* razo — deu-lhe ensejo para dois vãos de largo folego, n'um enveredando, como um *falcão*, pelo *caminho perdido*, no outro *peneirando*, como os *francelhos*, no singelo amor á antiga.

Francamente declaradas as duas primeiras *étapes* do seu novo *métier*, se bem que não marcam a maxima amplitude *remiega* do dramaturgo d'arribação que do estrangeiro nos vem, em visita de conforto *climaterico*, — muito contribuem para a *sedentaria* necessidade de percorrermos o que é nosso e *nidificar* em terras portuguezas.

Foi ao norte, a um recanto da provincia, que o sr. dr. Augusto de Castro foi estudar a natureza e deu vida aos caracteres no seu *amor á antiga*, cheio de observação exactamente artistico, muito embora conflague com a opinião de outros camaradas que tambem *vóam* n'um outro *oriente*. Comedia de typos bem distribuidos pelos quatro actos da amoruda harmonia tem em todos elles um espirituoso cunho caracteristico, modalisada na suave candura e até mesmo na rotina dos tranquillos preconceitos. *O amor á antiga*, de estóla e padre, *uns sinos a tocar*, *um parrinho que ajoelha* e requer o enleio das almas, é de certo um ambiente moral que perturba apenas com o aroma da flor de larangeira, muito suave, ennebriante, quando se leva *amôr* onde a *vontade* o quer levar. Interpretaram este *amôr á antiga*, que é afinal o dos nossos dias, muito bem theatralisado, os srs. Ferreira da Silva, Augusta Cordeiro, Joaquim Costa, Ignacio, Anna Pereira, Cecilia Machado, Carlos Santos, Augusto de Mello, Delphina Cruz, Jesuina Motili, Amelia Vianna e Cardoso Galvão.

Para melhor — ou optima — especificação no exhibicionismo dos actores e actrizes damos a palavra a chronistas de merito que a seu respeito contam:

«Ferreira da Silva, sempre grande artista, qualquer que seja o genero em que se nos apresente».

«Augusta Cordeiro, hoje a primeira *coquette* portugueza, correctissima no seu *emploi*... destacando-se no dialogo do primeiro acto com Carlos Santos... podendo até dizer-se que deve contar o *amôr á antiga* entre os seus trabalhos mais notaveis do theatro D. Maria, ao lado das *Elegantes Pobres*. No quarto acto parece que deu uma impressão grata de arte suggestiva, onde cada intenção brilhava intensamente ao contrascenar com Ferreira da Silva».

«Joaquim Costa, retirado Cesar de Lima, o nosso unico centro comico de *rondeur*, admiravel pela naturalidade da composição dos typos».

«Ignacio, actor caracteristico de alto merecimento, que tem no receptor Mena uma verdadeira criação... não menos digna da que achou na *Trovisqueira*».

«Anna Pereira e Cecilia Machado caracterisando flagrantemente os caracteres das suas respectivas personagens... a primeira a mais notavel *dama central* da nossa scena, a segunda uma actriz de comedia consummada».

«Carlos Santos, galã de comprovado merito».

«Augusto de Mello, o primoroso *diseur*».

«Delphina Cruz, ingenua dramatica de alto valor».

«E os restantes, quasi todos, elementos de valor entram no desempenho do *amôr á antiga*...»

A *Noite do Calvario*, aquella sombria noite que fez rolar uma só victima, por *montes e algares* em tempos idos, *ignotos*, da concepção dramatica do sr. dr. Marcellino de Mesquita, vem de desenrolar-se periodicamente no Prin-

cipe Real, porquanto D. Maria lhe chamou intempestiva e flagrante, regeitando a acceitação com receios *normalinos*.

Peça de caso, uma especie de equação do 1.º gráo a duas incognitas com soluções positivas e soluções negativas, tem tambem um appendiculo em que, depois do solucionado desfecho, epilogando a acção, nos revela uma curiosa modalidade na apreciação das conjuncturas em que o auctor da tragedia mais se embrenhou.

A *Noite do Calvario*, como uma *tempestade* lugubre, prepassa no espirito das plateias deixando-nos uma viva angustia, maravilhosa de exemplificação, no quanto póde e sabe fazer theatro realista — o nosso primeiro dramaturgo — ferindo conceitos e reagindo aos preconceitos do meio e da educação.

O desempenho que a companhia do Príncipe Real deu á *Noite do Calvario* tem sido apreciado de varios modos; por isso mesmo e a exemplo do que fizemos para o *amôr á antiga* registamos aqui varias d'essas opiniões da critica dispersa:

«Lucinda do Carmo, no papel de ingenua, para que lhe faltam as qualidades physicas, fel-o com bastante realce e no segundo acto houve-se muito bem»... «tendo scenas vibrantes como a do chôrro afflictivo, d'algun modo invektivando o procedimento da *mãe*».

«Carlos Leal, recitou com certo colorido, imprimindo talvez demasiada jocosidade á personagem, variando pouco os gestos, mór-mente no 4.º acto»... ou segundo uma outra modalidadena maneira devêr... «houve-se com toda a mestria, sóbrio de gesto, frio, intencional, distincto mostrou o muito que estuda e vale, e impoz-se desdeas primeiras scenas á platêa que não lhe regateou elogios, aliaz merecidos».

«Palmyra Torres, deu largas ásu a predilecção detragica e dentro de tal processo, aguentou-se excellentemente»... «fazendo-nos clamar por aquella encantadora *Duse* que tem uma mascara, um *facies* scenico, *quasi sempre a tinta pallida, occultando o mau e impondo o prestimoso*, fazendo jogar os musculos da face em contracturas expressivas, encarando a plateia bem de frente, de olhos esgazeados como que os globos a resaltar nas orbitas por motivo de, não sabemos, que extranho estimulo... d'aquella *Duse* que ao encostar d'um movel encontra sempre uma *pose* adequada. constante, incessantemente, na larga distribuição do mobiliario scenico por motivo de não sabemos que extranho *defeito*...»

«Ernesto do Valle, a quem agora a falta de voz atraiçôa, fez o seu papel com esmero e cuidado».

«Maria das Dôres, deu extranho relevo ao seu insignificante papel de *D. Carlota*»

«Leonor Faria, Emilia Romo e Alda Soares não se desmancharam».

«Gil, Eduardo Vieira, Pinto de Campos, Romualdo de Figueiredo e Arthur Rodrigues fizeram os seus papeis em harmonia com as suas faculdades».

Foot-ball Association

Leis de jogo para 1906-1907

Preço 100 réis

CONVENÇÃO E REGULAMENTO DE SPORTS ATHLETICOS

Preço 30 réis

A' venda no

SOLÃO DE JOGOS

48, RUA NOVA DO ALMADA, 50

Chronicas musicas

IV

«L'essence même de la musique est de former une sorte d'esprit qui remplace le nôtre.»

PAULHAN.

SUMMARY

S. Carlos, estreia da cantora Maria Arneiro na opera *Fedora* de Giordano, um enigma a resolver, a *grippe* não é tão culpada, cantase pela primeira vez em Lisboa a *Louise* de Charpentier, a vida do auctor e obra, como o devemos considerar, assumpto improprio para inspiração, a musica tem outros ideaes, a protagonista é uma creatura vulgar, valor do *libretto*, e da partitura, o desempenho, o scenario do 3.º acto, não correspondeu ao reclame feito, opera *Propheta*.

A *Fedora* de Giordano é uma opera que demanda da parte da cantora que tem a seu cargo o papel de protagonista, dois elementos importantes: boa voz, e sobre tudo uma grande arte de representar!

A nossa cantora Maria Arneiro, e dizemos *nossa* porque é quasi portugueza, teve que lutar n'esta opera com o confronto d'outras artistas que tem feito no nosso theatro *Fedoras* magnificas, como a Belincioni e outras. A sr.^a Arneiro, que segundo me disseram estava bastante doente com *grippe* não poudo revelar as boas qualidades da sua voz, por isso toda a sua parte ficou deveras prejudicada.

Mas emquanto á parte artistica, é que a sr.^a Arneiro deixou bastante a desejar! Não houve *grippe* que a podesse desculpar. Todas as scenas do 2.º acto e a morte foram mal detalhadas, e como artista intelligente, francamente esperavamos outro trabalho!

O tenor Viñas, como cantor sempre correcto, cantou, toda a sua parte muito bem.

O barytono Astillero, pobre homem, fez o que poudo e não foi nada.

Dos restantes, que dizer?

Todos muito mal. Regeu a opera o maestro Lombardi, que a conseguiu levar, sem pateada.

Tres operas novas para Lisboa annunciou a empreza do nosso S. Carlos, *Louise* de Charpentier, *Chopin* de Orefice e *Amor de Perdição* de João Arroyo.

A de Orefice, consta que já não se canta, o que é uma felicidade, por isso apenas teremos duas. Chegou a vez a Lisboa de ouvir a *Louise*, que já no theatro de S. João do Porto se cantou em duas epocas.

Depois de Verdi, a nova escola italiana chegou a uma tal decadencia, que bem avisadas andam as emprezas, emirem lançar mão do novo repertorio francez, que conta ainda hoje nomes de compositores cujas obras, nos revelam paginas musicas de primeira ordem.

Gustave Charpentier, auctor da *Louise* nasceu em Dieuze na Lorena a 25 de junho de 1860. Desde muito novo revelou-se um grande amante da musica, e um applicado discipulo, como bem provou no Conservatorio de Lille, onde alcançou varios premios.

Mais tarde, discipulo de Massenet, principiou a revelar-se um distincto compositor alcançando em 1887 o premio de Roma com a cantata *Didon*. Foi este o primeiro passo para a sua verdadeira vida artistica de compositor. Depois estando na villa *Medicis*, com o seu temperamento analysta soube absorver no seu intimo o meio que o rodeava, todo elle cheio de poesia, onde as fontes murmuram sons sonoros de melancolia, e onde as serenatas ao luar, com vozes maviosas matisam aquelle quadro só por si tão poetico, com as variegadas côres da phantasia.

Charpentier na sua obra é um profundo analysta, a musica para elle, é como as tintas para o pintor, mistura os sons, como servindo-se d'elles para dar os diversos cambiantes do quadro, a realisação vivida do drama. Veremos como ao analysarmos a sua obra, encontramos em Charpentier um pintor de sons, um psicologo que deseja pela musica desvendar, ou o segredo das coisas, ou os dramas intimos da vida humana!

Durante a sua estada em Roma, Charpentier, soube sentir o meio que o rodeava, dando-nos quatro verdadeiras telas d'artista; não terão as côres quentes da pintura, mas em compensação possuem as phrases melodiosas, que nos pintam, que nos abrem um mundo verdadeiramente realista, com um collarido campesino, delicioso! São as suas *Impressões de Italia*, suite para orchestra, dividida em cinco partes: I — *Serenade*, II — *A la Fontaine*, III — *A Mules*, IV — *Sur les cimes*, IV — *Napoli*. Alfredo Ernst, soube traçar em uma especie de prefacio o pensamento de Charpentier, n'elle veremos como o auctor da *Louise*, soube traduzir pela musica, aquellas paysagens banhadas de sal, todas ellas por si risonhas e festivas. Assim Ernst diz-nos: *Serenade — C'est bientôt minuit. — A la sortie des Osterie, les gars du pays clament sous les fenêtres de leurs fiancées de langues mélées ardentes, parfois tristes, d'un accent souvent farouche. A ces phrases amoureuses répondent des mandolines et des guitares. Puis le chant des jeunes hommes s'élève à nouveau, et peu à peu s'éteint.*

Depois quando descreve o terceiro numero diz-nos: «*A Mules-Vers le soir, sur le chemin qui serpente dans les montagnes Sabines les mules trottinent d'un pas égal, au rythme clair de leurs clochettes. Ce chant de violoncelle, c'est la canzone entonnée à pleine voix par le mulattière, et ces douces tierces de flûtes qui lui succèdent, c'est la chanson tendre que murmurent les belles filles aux yeux profonds, assises, ou mieux ajenuillées, dans les grandes charrettes qui remontent vers le village.*»

A descripção d'estes dois numeros da *suite* bastará para nos provar, e como já disse, o temperamento especial de Charpentier.

Depois na sua symphonia dramatica *Vie du Poète* dividida em tres actos e quatro quadros, Charpentier evidenciou-se, um habil conhecedor dos segredos orchestraes; por isso quando Colonne a dirigiu na Opera, com a orchestra e coros d'este theatro, esta composição obteve bastantes applausos, assim como os cantores: Fierens, Heglon, Renaud e Vaguet.

Posto isto, e antes de entrarmos precisamente na analyse do libretto e da partitura da *Louise*, poderemos filiar a obra de Charpentier, n'uma imitação, n'uma tendencia á escola Wagneriana? Decerto que não! Ha sempre uma interrogação constante nos espiritos d'hoje, todas as vezes que estam pela primeira vez em presença d'uma obra moderna, se esta segue ou não a escola de Wagner!! Embora o grande auctor do *Crepusculo dos Deuses* abrisse aos compositores um horizonte artistico de primeira ordem, é necessario que os que apparecem agora, se revelem por si, que traduzam aavez do seu sentir pela musica a escala dos sentimentos humanos, sem estarem sob a pressão d'uma escola, a serem quasi instrumentos, verdadeiros escravos dos grandes mestres, e não se individualisarem. Ora Charpentier, pelo menos até agora, tem essa qualidade, e a sua musica, é uma fórmula especial, fiel e expontanea dos seus sentimentos, uma traducção clara e limpida do estudo das suas personagens, é como já disse um perfeito colorido de sons.

Charpentier, como Wagner, Berlioz, Leoncavallo e D'Indy, escreveu o libretto para a sua obra.

Pena foi, que a escolha do assumpto cahisse em um meio tão ordinario, tão difficil, quanto a mim, a um compositor poder-se inspirar! A musica, só por si, é uma arte tão elevada, que quando a vemos rebaixada a descrever scenas infimas de ruas e vielas, achamos que é um abuso feito

á propria arte, não quer isto dizer que as phrases descrip-tivas da peça estejam mal feitas, o que digo, é que o compositor pode melhor empregar o tempo e a sua veia inspiradora; tanto mais que foi o proprio Charpentier o auctor do libretto. Demais o typo de *Luiza*, nem sympathico é na peça. E' uma rapariga, como tantas outras que cega pelo



G. CHARPENTIER
Auctor da opera *Louise*

vicio que a chama, abandona o lar paterno onde é estimada para se entregar a um Juliano qualquer. Então o ultimo acto, tem um final verdadeiramente immoral.

O pae de Luiza, sentindo-se doente, manda-a buscar para a sua companhia. Luiza vem, não lhe sendo muito agradável, a mudança de situação; mas ouvindo ao longe o movimento de Paris, Luiza sente renascer-lhe o amor da liberdade, e n'um verdadeiro crescendo de phrases como estas: «*Paris, Paris, festa eterna de prazer, ainda um dia d'amor, ainda um dia d'amor*», abandona novamente a casa, deixando o pae doente e a mãe cheia de tristeza. Será isto o que para ahi chamam realismo, mas na opera lyrica, são bem dispensados estes assumptos. O auctor chama-lhe romance musical, antes lhe deveria chamar comedia-drama lyrico.

Logo no pequeno prelude com que a peça é iniciada, encontramos dois motivos, phrases ora em tom maior, ora em tom menor, que são a synthese do drama que symbolisam o *desejo*, desenhos que nós depois ouvimos em toda a peça como a indicarnos constantemente o amor de Luiza e Juliano. No primeiro acto o duetto á janella entre Juliano e Luiza está bem trabalhado, pena é que seja demasiado longo. A entrada do pae de Luiza, é brilhantemente indicada pela orchestra, e depois em todas as scenas o canto torna-se bastante fraco em acção, descrevendo a orchestra todo o drama, em que os themas musicas nos indicam a amizade o amor dos paes pelas filhas, a tranquillidade do lar. N'este acto principiamos a notar uma orchestração bastante leve, em que os naipes dos diversos instrumentos estam admiravelmente combinados.

No segundo acto temos uma especie de introdução orchestral, um verdadeiro quadro da vida de Paris! Charpentier, tomou para base destas paginas, os pregões dos vendedores de Paris, e um *pianissimo* $\frac{3}{4}$ expõe o thema da *rua*, em redor do qual está escripto todo o prelude. Fora isto todo o primeiro quadro d'este acto passa

frouxamente, mesmo o duetto entre *Luiza* e *Juliano* é pouco interessante; em todas estas scenas, a orchestra indica-nos os varios themas, do *desejo* do *prazer* e da *rua*.

O 2.º quadro é original e caracteristico, todas as scenas do *atelier* estão bem seguidas na orchestra. A fanfarra que se ouve na rua, tem uma musica bastante local, ouvindo-se a voz de Juliano: «*Laggiù, nell'urbe magica*», que canta uma serenata bastante banal.

O 3.º acto é o melhor da peça. Logo no curto prelude em *andante grave e tranquillo*, a orchestra pinta-nos um quadro de tranquillidade repassado de amor. Havendo a notar um thema indicado pelo clarinete, como a revelar-nos a alegria de Luiza. Depois ouvem-se novamente os themas antigos, incluindo o da serenata de Juliano.

A pequena aria de Luiza: «*Ah! la ineffabil vita! Il sogno mio non era sogno! Ah! io son felice!*» é uma pagina bastante inspirada, em que os sons combinados da orchestra, têm um ambiente de paz, onde o bafo da felicidade é esboçado muito levemente, fugitivamente. Quasi no fim do acto a chegada da mãe de Luiza, verdadeiro contraste á scena alegre que a rodeava, é brilhantemente indicada na orchestra, em que os dois themas *desejo* e *lar* luctam tenazmente, é aqui que Charpentier se identifica; cada compasso nos revella uma lagrima, cada phrase nos pinta a dôr cruel da pobre mãe!

O 4.º acto passa-se outra vez em casa de Luiza. Aqui a orchestra aponta-nos levemente os themas da *Rua*, *Dôr* e *Fatalidade*. Ha a notar principalmente n'este acto, a grande scena cantada por Luiza, um verdadeiro crescendo



ARMIDA PARSİ PETTINELLA

em que a musica nos pinta a liberdade novamente desejada por Luiza. Paginas verdadeiramente dramaticas.

Em quanto ao desempenho devemos mencionar em primeiro logar o maestro Mancinelli, que regeu a *Louise* brilhantemente, tirando com tão poucos ensaios, effeitos magnificos.

A parte de *Luiza* foi cantada pela nossa conhecida Maria Lafargue. Artista intelligente, de pura escola franceza, que soube dar brilho á personagem; mostrando conhecer

a musica que cantava. A *aria* do principio do 3.º acto foi cantada com sentimento, sendo applaudida.

O tenor Schiavazzi no papel de Juliano, salvou-se, cantando discretamente toda a sua parte.

No papel de pae de *Luíza* o barytono Bonini, revelou-se, como costuma, cantar correcto, e artista de boa voz.

A sr.^a Torretta, cantou bem toda a sua parte, e na parte artistica, bastante correcta. Foi applaudida como merecia.

A orchestra bem na generalidade, coros e restantes artistas discretos.

O scenario do 3.º acto, deixou muito a desejar; o que a empreza apresentou, não merecia tanto reclame!!!

Depois da opera de Charpentier, cantou-se o *Propheta* para estreia da distincta cantora Armida Parsi. Esta opera de Meyerbeer, demanda de artistas de bella voz, que infelizmente vão rareando muito, por isso esta especie de operas, apparecem raramente nos reportorios dos theatros lyricos.

No papel de *Fidés*, a sr.^a Parsi, cantou toda a sua parte de modo a receber toda a noite continuas demonstrações de agrado. Nos duettos com Bertha e com o tenor no 2.º acto, assim como na grande scena da igreja e no acto final, Parsi, elevou-se a grande altura, como cantora e como actriz.

O tenor Viñas que no Real de Madrid, alcançara grandes applausos n'esta opera, agora no nosso S. Carlos continuou a grangear os applausos que merece o seu bom trabalho. A sr.^a Clasenti deu-nos uma Bertha assaz regular.

Mansuetto, Zucchi e Terzi regularmente.

O barytono Astillero, nada fez e já é muito...

Lombardi regeu a opera, correctamente, excepto na *marcha* que foi em um andamento assaz rapido mas... o publico applaudiu muito!!!

ALFREDO PINTO (SACAVEM)

MOSAICO

Natação.

Publicamos em seguida o relatorio da comissão nomeada pela Direcção do Real Gymnasio Club para estudar a maneira de desenvolver a natação em Portugal:

A comissão encarregada pela Direcção n'este Real Gymnasio Club de estudar os meios de desenvolver o culto da natação entre nós, vem por esta fórma apresentar a V Ex.^{as} o resultado dos seus trabalhos, os quaes se resumem nos alvites que abaixo a mesma expõe.

Para que a natação em Portugal se desenvolva e encontre de anno para anno maior numero de adeptos, será necessario que:

a) Se abram este anno escolas de natação nos clubs mais em evidencia, a fim de que cada club possa apurar já este anno um nucleo maior ou menor de nadadores para entrar em provas que sejam adequadas aos conhecimentos que adquirirem, conhecimentos que se irão desenvolvendo de anno para anno. A propaganda que se fizer, já por este meio, já por qualquer outro, levará os socios d'esses clubs que tem um mais avançado conhecimento da arte de nadar, a trenarem-se e a procurarem apurar do maximo o seu adiantamento.

Estas corridas, que podem ser effectuadas em agosto, por exemplo, serão seguidas:

b) de concursos de natação, a que chamaremos districtaes e em que só poderão tomar parte os clubs ou associações do districto em que os concursos se effectuarem. Suppondo estes concursos terminados na primeira quinzena de setembro, seguir-se hão depois

c) os grandes concursos chamados campeonatos, em que podem tomar parte os clubs de todos os districtos e portanto toda a população do paiz, continente, ilhas e colonias que possa nadar.

Estes são os grandes concursos annuaes, para os quaes se procurará obter os melhores premios e em que serão concedidos aos vencedores os titulos de campeões de Portugal, da respectiva cathegoria, titulos que elles conservam por um anno e até á data da disputa do campeonato seguinte. Estes campeonatos annuaes de-

vem ser sempre disputados n'uma epoca fixa, comprehendida entre 15 de setembro e 15 de outubro.

d) As escolas superiores, taes como a Escola Naval, a Escola do Exercito, Medica, Polytechnica, a Universidade, etc., serão consideradas como Clubs, podendo, pois, os seus alumnos concorrer com o socio de qualquer associação legalmente constituída, embora em nenhuma d'ellas se ache filiado.

Secundariamente, isto é, trabalhando independentemente d'aquelle plano que acima acaba de ser esboçado, entende a comissão signataria d'este officio ser conveniente fazer-se mais o seguinte:

a) Crear uma taça para ser disputada n'uma corrida que tenha por trajecto a travessia do rio da Trafaria (ponto de partida) para Pedrouços (ponto de chegada). Esta corrida deve ser aberta a todos os amadores do paiz, ilhas e colonias, comprehendidas:

f) Promover de accordo com as escolas particulares, taes como a Escola Academica, Collegio Arriaga, Collegio Nacional e muitas outras cujos nomes nos não occorrem n'este momento, uma corrida annual de natação, á qual só possam concorrer os alumnos d'estas e cujo premio deverá tambem ser uma taça. Para este fim o Real Gymnasio procuraria desde já levar os collegios do genero a que acima alludimos a organizar escolas de natação na epoca propria;

g) Fazer vêr por meio de representações ou por outra qualquer fórma aos ministerios da guerra e da marinha as vantagens da natação, quer pelo seu lado hygienico, quer pelo seu lado util e pratico, procurando conseguir dos mesmos a organização de corridas de natação para marinheiros e soldados;

h) promover junto da Camara Municipal ou da iniciativa particular a criação de piscinas de natação, annexas a casas de banho, falta que tanto se faz sentir na cidade;

i) Instituir grandes corridas de profissionaes em que possam entrar os pescadores da nossa costa maritima, entre os quaes ha nadadores de grande polpa, devendo correr-se todos os annos ao lado dos grandes campeonatos para os amadores os campeonatos de profissionaes em que as distancias e demais condições de corrida sejam as mesmas, a fim de, sem mesclar as duas classes, obrigar uma a estimular a outra,

Taes são os alvites que á comissão nomeada pela direcção d'este Real Gymnasio para estudar os meios de propagar a natação em Portugal occorre apontar; entende, porem a mesma comissão que, para se conseguir pôr em execução o plano que acaba de expor, principalmente a primeira parte do mesmo, será necessario convidar o Club a uma reunião as associações congeneres da sua que existam na capital, ou ainda melhor no paiz. Uma vez expostas n'essa reunião estas idéas e approvadas todas ou parte, ou substituidas por outras melhores, facil será, trabalhando todos de commun accordo, conseguir-se rapida e seguramente o fim que se tem em vista e o qual a todos interessa ou deve interessar:

CARLOS FERNANDES
FERNANDO CORREIA
CESAR DE MELLO
ALVARO DE LACERDA
DIAS COSTA

Velo Club de Lisboa

Em assembléa geral de 14 do corrente foram eleitos para a gerencia do corrente anno os seguintes individuos.

Direcção. Presidente, Basilio d'Oliveira; thesoureiro, Ezequiel Garcia; 1.º secretario, Carlos Thomaz Lopes; 2.º secretario, Armenio Moura; vogaes, José Rodrigues Silva, Armando Paiva e Augusto Freitas; supplentes, Armando Crespo, José Julio Delgado e Maximiano da Silva Junior.

Assembléa Geral. Presidente, Antonio Correia; 1.º secretario, Arnaldo Garcez; 2.º secretario, João Anjos.

Conselho Fiscal. Cezar de Jezus, Garibaldi Alves Freire e Apollinario Contreras.

União Velocipedica Portuguesa

No congresso realizado em 7 do corrente foram eleitos os corpos gerentes que devem governar no corrente anno e que são compostos pela seguinte fórma:

Direcção. Presidente, Conde de Caria; 1.º vice-presidente, Claudio Augusto Rosado; 2.º vice-presidente, Francisco Gomes Leite; thesoureiro, Ezequiel Victor Garcia; secretario, Alfredo Duarte Rodrigues; vice-secretario, Joaquim Germano Ribeiro; vogaes, Manuel Esteves d'Amorim, Frederico Senna Cardoso e Antonio Amaral e Silva; supplentes, Joaquim Arnaut, Antonio Paes e Manuel da Costa Antunes.

Conselho Permanente. Presidente, Carlos Arbués Moreira; 1.º vice-presidente, Anselmo de Sousa; 2.º vice-presidente, Filippe Malaquias de Lemos; vogaes, dr. Alberto Cardoso de Menezes, Mario Duarte, dr. Jayme Neves, Antonio Araujo Mimoso, Luiz Trigueiros, dr. Augusto Barreto, Carlos Calixto, José Eduardo d'Abreu Loureiro, Arthur Barros e Mello, José Beirão, José Braz de Carvalho e Francisco Vizeu Pinheiro.



TIRO DE SPORT

Tiro aos pombos na Tapada d'Ajuda

VIII sessão da época em 18 de janeiro

Poules a 3 pombos e 1.000 réis de entrada.

Inscreveram-se: S. Magestade El-Rei e S. Alteza o Príncipe Real, e os srs.: conde de S. Lourenço, barão de Fallon, Antonio Brandão de Mello, dr. Elyσιο de Castro, conde d'Arge, Luiz Brandão de Mello e D. Manuel de Noronha.

Disputaram-se nove *poules*.

Sua Magestade ganhou a primeira, a terceira e a quarta *poules* com $\frac{3}{4}$, $\frac{5}{5}$ e $\frac{3}{3}$ respectivamente. Sua Alteza o Príncipe Real ganhou a sétima *poule* com $\frac{3}{4}$.

A segunda *poule* foi ganha pelo sr. dr. Elyσιο de Castro ao 5.º pombo. O sr. Brandão de Mello ganhou a quinta e sexta com $\frac{3}{5}$, $\frac{5}{5}$; o sr. dr. Manuel de Noronha ganhou a oitava com $\frac{2}{4}$; finalmente o sr. barão de Fallon ganhou a nona e ultima com $\frac{3}{3}$.

IX sessão da época em 10 de fevereiro

Inscreveram-se nove atiradores, os srs. dr. Elyσιο de Castro, Antonio Brandão de Mello, barão de Fallon, conde de S. Lourenço, dr. Antonio Maria de Souza, dr. Manuel de Castro Guimarães, marquez do Fayal, Hugo O'Neil e Jean Savin, addido da embaixada de França.

Fizeram-se dez *poules*. A primeira a 5 pombos e 1.500 réis de entrada; seis a 3 pombos e 1.000 réis de entrada; as restantes a 1 pombo e 1.000 réis de entrada.

A 1.ª *poule* com $\frac{6}{5}$, a 2.ª com $\frac{3}{4}$, a 5.ª com 3 e a 10.ª com 3, foram ganhas pelo dr. Elyσιο de Castro.

A 3.ª foi dividida com $\frac{3}{4}$ entre o sr. dr. Antonio Maria de Souza e Brandão de Mello.

Este exímio atirador ganhou ainda a 4.ª ao 3.º pombo e dividiu a 7.ª, também ao 3.º pombo, com o sr. Marquez do Fayal.

O sr. Marquez do Fayal ganhou ainda a 6.ª *poule* com 3 pombos bons.

A 8.ª e 9.ª, com 3 e 1, foram ganhas pelo sr. barão de Fallon.

A melhor serie de tiros bons foi feita pelo sr. marquez do Fayal.

Está-se tratando com todo o entusiasmo dos *Torneios* annuaes em que se disputam as taças Eduardo VII e Affonso XIII.

A direcção empenha-se em organizar uma festa brilhante, esperando mesmo que n'essa occasião venham tomar prate na *certamen* alguns dos melhores atiradores do reino visinho.

E' muito provavel que seja escolhido o dia 7 do proximo mez de abril, havendo tiros consecutivos durante a semana, para o que se conta com bons elementos de auxilio, como por exemplo: um premio de S. Magestade El-Rei, do sr. conde dos Olivaeas e Penha Longa, do sr. marquez de Fayal, etc. etc.

X sessão em 17 de fevereiro

Inscreveram-se sete atiradores, os srs. conde da Ribeira, conde d'Arge, barão de Fallon, marquez de Fayal, conde de S. Lourenço, Antonio Brandão de Mello e dr. Elyσιο de Castro.

Fizeram-se 12 *poules*.

A 1.ª foi ganha pelo sr. barão de Fallon, ao 3.º pombo; a 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª, 7.ª e 11.ª foram ganhas pelo sr. Antonio Brandão de Mello, com 3, $\frac{7}{8}$, 3, 8, 3, 8, e 2 pombos; empatou, por falta de pombos, a 12.ª com o sr. dr. Elyσιο de Castro que tambem ganhou a 9.ª e 10.ª *poules* com 4 e 2 respectivamente.

O sr. Barão de Fallon ganhou ainda a 8.ª *poule*, com 3 pombos bons.

A melhor serie da tarde, 27 pombos seguidos, foi feita pelo sr. Brandão de Mello!

A 3.ª e 4.ª *poules* foram com *handicap*.

Houve uma excellente *barrage* entre os srs. Brandão de Mello e marquez do Fayal.

Gramophones

Machinas

Fallantes

RUA DE S. NICOLAU, 113



PASTA "COURAÇA,"
A MELHOR PARA OS DENTES
PODEROSO ANTISEPTICO
200 REIS

ENCADERNAÇÕES em todos os generos

Carlos Rodrigues Azevedo

27, C. do Sacramento, 29

(AO CARMO)



Foot-ball

O mez de Fevereiro tem decorrido de particular entusiasmo para este interessante jogo sportivo, tendo todos os seus apaixonados cultores (que são muitos) correspondido aos incentivos que o Club Internacional de Football, essa prestante e sempre florescente aggremação de *sport*, tem dado na sua bem orientada propaganda de educação physica.

Liga de Foot-ball

No dia 10 do corrente realisou-se no campo da Quinta Nova o desafio entre o Sport Lisboa e o Carcavellos Club, marcando aquelle 2 *goals* contra 1.

Ha já muitos annos que o Club Inglez, devido ao seu constante treino, pericia no jogo e ataque combinado dos seus *forwards*, não era batido por nenhum grupo portuguez; cabe pois ao S. L. a honra de ter acabado com o *feitiço*, e bem o merece, pois é um dos melhores *teams* portuguezes que se apresenta em campo.

Do C. C. faltavam tres dos seus melhores jogadores por motivo de doenca, o que concorreu (devemos lealmente confessa-lo, pela sua inferioridade no jogo.

O *goal* marcado pelo Club Inglez não foi proposadamente defendido pelo S. L., sob o pretexto de que passava da hora.

Sem querermos de fórma alguma intervir nas relações entre o juiz e os jogadores, que julgámos dever ser sempre acompanhados da maior consideração mutua, frizaremos tão somente queaquelle, procedendo como procedeu, cingiu-se estrictamente ás leis do jogo que aqui publicámos traduzidas do original inglez pelo ardente propagandista sr. C. Villar.

Com effeito a lei XIII permite ao juiz augmentar o tempo perdido au tempo do jogo estabelecido (do original «*The referee shall have power to allow for time wasted*») e a lei XVII estabelece que se fôr necessario será prolongado o tempo do jogo para se dar o

ha muito tempo se não apresentava tão bem em campo. O jogo foi verdadeiramente lindo, cheio de ensinamentos, classico, digamo-lo assim.

O *goal-keeper* do C. I. F. sr. S. Smith esteve verdadeiramente incansavel, conhece muito bem o seu papel, e tem um golpe de vista admiravel.

Não reputamos boa pratica as constantes mudanças de funcções do grupo do C. I. F. em campo,

E como segue o estado da Liga até á data:

Clubs	Jogos	Victorias	Perdas	Empates	Pontos
C. C.	5	4	1	—	8
C. I. F.	4	2	2	—	4
L. C. C.	6	2	4	—	4
S. L.	5	2	3	—	4

NOTA — Marcou-se uma perda ao L. C. C., advindo d'ahi 2 pontos para o C. C. por aquelle ter desistido do desafio da 2.ª parte (2 de Fevereiro).

O C. I. F. tem ainda de jogar uma vez contra o S. L. (no proximo domingo 3 de Março) e outra contra o C. C.

Torneio de foot-ball

No dia 17 realisou-se no campo athletico de Alcantara o desafio entre os 2.ºs grupos do *Sport Lisboa* e do *Club Internacional de Football*, para se disputarem os objectos d'arte que este ultimo offereceu para o torneio, entre os 2.ºs e 3.ºs grupos e que como annunciámos, se acham em exposição no salão de jogos da Rua Nova do Almada,

O S. L. marcou 7 *goals* contra o; para este resultado devido em primeiro logar ao forte e disciplinado jogo do grupo de Belem muito concorreu o terem faltado por motivo de doenca na linha de defeza do C. I. F. jogadores como o sr. Germano Martins, *back* e o *goal keeper* sr. R. Ribeiro o qual não podendo ser substituido pelo jogador congenere do 3.º grupo que se achava tambem doente, foi representado por um seu camarada pouco conhecedor ainda do jogo e especialmente do difficil logar que ia executar.

Para o mesmo dia estava determinado pela commissão de vigilancia o desafio na Luz entre os 3.ºs grupos do *Club Portuguez de Football* e do *Football Cruz Negra*. Tendo faltado aquelle primeiro resolveu a commissão marcar uma victoria ao F. C. N.

Para o dia 24 estavam determinados respectivamente nos campos da Luz e de Alcantara os desafios entre os 2.ºs grupos do *Sporting Club de Portugal* (em via de formação) e do *Football Cruz Negra*, e entre os 3.ºs grupos do *Sport Lisboa* e do *Club Internacional de Football*, não se realisando o primeiro em virtude do mau estado do tempo e o segundo por doenca de muitos jogadores do C. I. F.

Damos em seguida o estado do torneio até hoje:

2.ºs grupos

S L = 2 victorias contra C I F (este não joga mais).
F C N = 1 victoria contra S C P.

3.ºs grupos

F C N = Empate com C P F.
S L = 1 victoria contra C I F.

Football em Coimbra

Um grupo de estudantes entusiastas por este jogo está-se trenando no Campo de Santa Cruz daquella cidade para um desafio em que brevemente se irão defrontar com o 2.º grupo do C I F de Lisboa.



Torneio de Foot-Ball — Campo da Cruz Quebrada — Lisboa Cricket Club contra Sport de Lisboa
Cliche Tiro e Sport

pontapé de castigo («*If necessary, time of play shall be extended to admit of the penalty kick being taken*»).

E foi isto o que o juiz fez.

De resto o desafio correu muito bem, presenciado por grande numero de espectadores e senhoras, sendo Mr. Wyse e todos os cavalheiros da Quinta Nova muito amaveis com os seus hospedes.

— No dia 16 realisou-se na Cruz Quebrada o desafio entre o Lisbon Cricket Club e o Sport Lisboa, marcando aquelle 1 *goal* contra o.

O jogo foi muito rijo, custando bem cara a victoria ao L. C. C.

Na 2.ª parte tendo o juiz, sr. Mellis, seguramente um dos mais imparciaes *referees* que temos visto em Portugal, apitado para *off-sides* d'um jogador do S. L. o *goal-keeper* do L. C. C. que nesse momento defendia, tendo a bola na mão, cessou de jogar e recolheu para traz dos postes, entrando assim a bola.

Os jogadores do S. L. e grande parte do publico que não ouvira o apito, cujo som foi realmente pouco estridente, ficaram convencidos de que se marcara um *goal*, e o seu desapontamento manifestou-se claramente quando o sr. Mellis mandou collocar a bola em posição para se dar o pontapé livre contra o S. L.

Os espectadores, esquecendo-se de que as leis do jogo e da sociedade o não permitem, e de que se achavam em terreno particular e em exhibição graciosa, manifestaram-se tão ruidosamente que obrigaram o juiz a usar dos poderes que lhe confere a lei XIII, terminando o jogo, apesar de ainda não ter dado a hora.

Com a imparcialidade que nos caracteriza devemos confessar que tinha sido melhor solução que, em logar de se mandar dar o pontapé livre, se tivesse cumprido a lei XVI, atirando o juiz a bola ao ar, pois que nos dissemos o sinal de apito não foi ouvido fracamente senão por um restricto numero de pessoas.

A despeito do mau estado do campo no dia 24 realisou-se na Quinta Nova o desafio entre o *Carcavellos Club* e o *Club Internacional de Football*, marcando aquelle 8 *goals* contra 1.

Poderá parecer extraordinario, em virtude dos numeros apontados, que digámos que ambos os grupos jogaram muito bem, mas manda a verdade (que presamos acima de tudo) que assim o declaremos. Foi aquelle resultado, proveniente do excellente grupo da pericia, acerto e rigeza (devido esta ao conveniente treino) inglez, que

AUTOMOBILI ISOTTA FRASCHINI

Os mais solidos, simples e economicos, e os que melhor sobem

CENTRAL GARAGE

F. S. MARTINHO & C.ª

Accessorios e officinas de reparações

Rua da Escola Polytechnica, 225, 227, 229 e 231

LISBOA

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Litterario, Rua Ivens

Primeiro concurso de problemas do «Tiro e Sport»

Problema n.º 16

Pelo Sr. Antonio A. Baldaque da Silva

1.º Premio
Pretas (10)

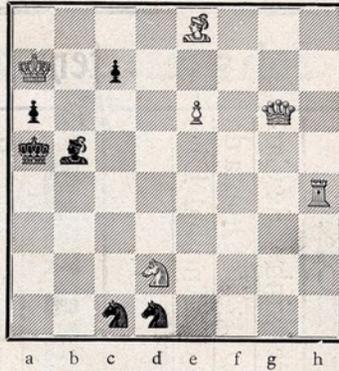


(Branças 8)

Problema n.º 17

Pelo Sr. Francisco José Ramos

2.º Premio
(Pretas 6)

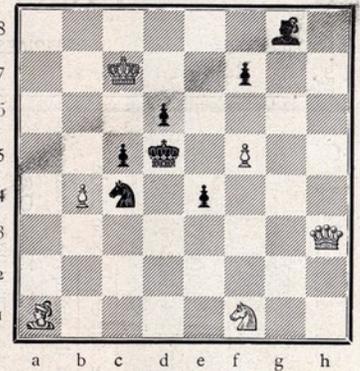


(Branças 6)

Problema n.º 18

Pelo Sr. Luiz Limpo Lacerda Mascarenhas

3.º Premio
(Pretas 7)

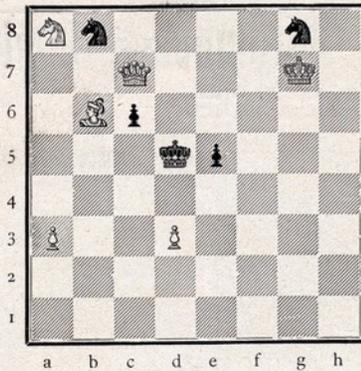


(Branças 6)

Problema n.º 19

Pelo Sr. M. Carvalho

4.º Premio
(Pretas 5)

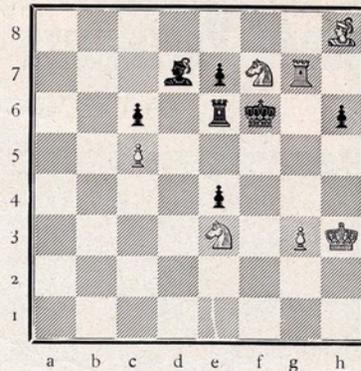


(Branças 6)

Problema n.º 20

Pelo Sr. Marcellino M. Barros

Menção honrosa
(Pretas 7)



(Branças 7)

MATE EM DOIS

Além dos cinco que hoje publicamos foram enviados ao concurso os problemas com as seguintes divisas:

Cunningham.

Cave regi!

Evolução pelo esforço.

Se é vicio é innocente.

Reflectir-se é preparar-se.

Ex parvo minima.

Por ludum laetitia.

A sonhar tambem se aprende.

Bicicletas e accessorios
Peçam o catalogo do

Velo-Portugal

21, Rua Maria, 23—LISBOA

CENTRO HYPPICO
ESCOLA DE EQUITACÃO

Dirigida por ANTONIO CORREA

Equitação para senhoras homens e creanças

Ensino de cavallos em baixa e alta escola

Rua Alexandre Herculano, 111 — AVENIDA

Bicyclettes Inglezas

A 27\$000

Bicyclettes JC

Preços sem competencia

CASA VICTORIA

ARMANDO CRÉSP0 & C.^a

112, Rua do Crucifixo, 114

LISBOA

Charles Hill

DENTISTA

Especialidade: DENTES ARTIFICIAES

Rua Ivens, 57, 2.^o

Os melhores productos photographicos da actualidade

Chapas **AGFA** Extra-rápidas
Chromo
Diapositivas

Reveladores **AGFA** em substancia,
tubos
e solução

Pelliculas rígidas **AGFA** Ordinarias
e Chromo

Especialidades **AGFA** Sal viro fixador, Re-
forçador, Reductor,
Luz Relampago, etc.

Chapas e Pelliculas — ISOLAR (antihalo)

A' venda em todos estabelecimentos de artigos photographicos

CONSULTORIO DENTARIO

Saturio Augusto Paiva — Cirurgião-dentista

Pela escola de Paris — Doenças de bocca e dentes

RUA DE SANTA JUSTA 60, 1.^o

Bolas para tennis

SALÃO DE JOGOS

48, Rua Nova do Almada 52

Manoel Moreira



Grande e variado sortimento
de artigos para photographias
para profissionais e amadores

Artigos de superior qualidade

Execução rapida de qualquer encomenda

PREÇOS MODICOS
VENDAS A DINHEIRO

G. B. da Prata, G

LISBOA

Os melhores vinhos de Car-
cavellos são os da Quinta da
Cartaxeira de Annibal Dias
Pereira.

LIVRARIA FERIN

Officinas de encadernação e typographia

INSTRUMENTOS DE ENGENHEIRO

Papeis de desenho, tintas e accessorios

Deposito permanente de livros *SPORT*,
esgrima, gymnastica,
automobilismo, motociclismo, etc.

Assignam-se todos os Jornaes de *SPORT*
em qualquer lingua

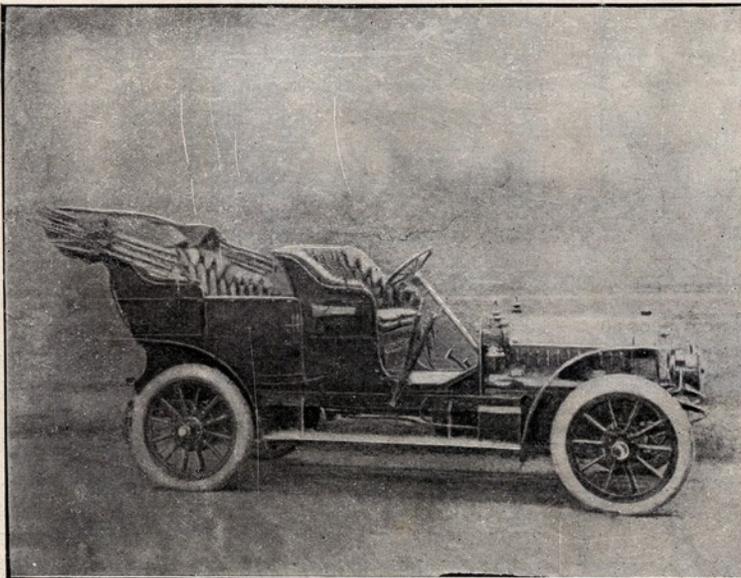
LIVRARIA FERIN

Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

Sociedade Portuguesa de Automoveis, Limitada

AUTO PALACE



Automovel de Dion Bouton, 145 cavallos, 4 cylindros, dupla inflamação por magneto e acumuladores, com lanternas e pharoes de luxo, garantido por um anno, entregue em Lisboa, preço 2:600\$000 réis.

Fornecedores  da Casa Real

Agentes exclusivos para Portugal das
afamadas marcas de

Dion Bouton

F. I. H. C. (sul de Portugal)

Renault freres

Richard Brazier

Zust

As melhores marcas e que melhores re-
sultados tem dado em Portugal.

Esta Sociedade pelos contractos es-
peciaes que fez com as casas de que tem
a representação exclusiva, tem para en-
tregar em 1906, e em prazos relativa-
mente curtos, mais de

60 CHASSIS

sobre os quaes se podem montar qual-
quer fórmula de carroseries que forem
escolhidos pelos compradores.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Pedir esclarecimentos á

Sociedade Portuguesa d'Automoveis, Limitada

Rua do Jardim do Regedor, 4 a 26 — LISBOA



PRINCIPE DE HOENZOLLERN

Filho do principe Leopoldo da Romania e da infanta D. Maria Antonia de Portugal